

APRESENTAÇÃO

Poética do Narrar

“Há três classes de leitores: o primeiro, o que goza sem julgamento, o terceiro, o que julga sem gozar, o intermediário, que julga gozando e goza julgando, é o que propriamente recria a obra de arte” (J.W.von GOETHE, carta a J.F. Rochlitz, de 13 de julho de 1819).

A ciência da narrativa, a Narratologia, tornou-se a reflexão teórica mais importante depois do Estruturalismo e emigrou da Teoria Literária para outras áreas das ciências humanas. A dedicação às narrativas (e à Narratologia no meio acadêmico e ao *storytelling* em geral) pode ser interpretada como resistência humana ao desejo de uma contemplação profunda diante de um mundo cada vez mais desperdiçado nas informações, na exigência de produtividade, na positividade da sociedade de desempenho, hiperatuação e transitoriedade da “sociedade de cansaço” (HAN, 2015 [2010]).

O estudo de obras literárias como romances e obras aparentemente não-literárias (p.e., Relatórios de Viagem, Historiografias, Estudos Etnológicos e Indígenas) frisam o modo narrativo nos originais e nos paratextos (GENETTE, 2009 [1987]) em relação à presença dos modos descritivo e dissertativo. Não obstante, a fundamentação teórica da leitura entende-se como “laboratório da escrita” (MESCHONNIC, 2010 [1999], 269) para atender “um interesse sistemático e criativo” (SCHMID, 2014) de estudo, em busca da compreensão daquilo que diferencia em língua, linguagem, escrita e discurso, posto que ela somente se concretize como ato de leitura apreciadora e poética.

Poética, pois a escrita e a leitura se concretiza em todos os estratos, no gráfico e fônico, léxico, sintático e semântico. Assim, este número da *Nova Revista Amazônica*, denominado “**Poética do Narrar**”, busca realizar diálogos com diferentes pensamentos acerca da temática, de modo a provocar reflexões sobre a presença e importância da narratividade nos estudos atuais, nos artigos que compõem os ensaios, especificamente voltados à área de letras e disciplinas afins, e nas demais sessões, como as crônicas, ensaios e vídeos, postos diante do olhar de cunho etnográfico.

Deste modo, no *Dossiê Amazônia*, o artigo “**Amazônia: Inferno Verde ou Paraíso Perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha**”, de José Francisco da Silva Queiroz (UFPA), realiza uma importante reflexão sobre as representações da Amazônia feitas tanto pelo olhar do estrangeiro quanto pelo olhar autóctone, muitas vezes, na literatura, ligadas aos princípios positivistas do séc. XIX. No artigo, o autor discute as bases ideológicas presentes no discurso paratextual (GENETTE,

2009) responsável por dar suporte às caracterizações (infernais ou paradisíacas) da Amazônia nas referidas obras. Questiona até que ponto o discurso narrativo (Fictionality/Factuality) (STIERLE, 2002; SCHMID, 2010) pretende ser considerado como representativo do espaço e das sociedades que habitaram a Amazônia em certo contexto histórico.

“Entre a Fronteira e o Limiar: O Autor e o Narrador em *Scenas da Vida Amazônica*”, de Aline Costa da Silva (UFPA), é embasado na primeira edição da obra literária de José Veríssimo, [1886]. Discorre sobre sua configuração a partir dos construtos teóricos de Walter Benjamin [1994] acerca da ideia de limiar e sua relação com a ficcionalidade, relacionado ao pensamento de Wolf Schmid [2010] referente ao evento como condição imprescindível à narratibilidade. A autora compreende o limiar como lugar de excelência do narrador e marca indelével da ficção, a qual assim se constitui e se afirma a partir de um dado evento, cuja presença faz de *Scenas da Vida Amazônica* uma obra circunscrita por passagens.

Patrícia Cezar da Cruz (UFPA) é autora do artigo intitulado **“Frey Apollonio – Um Romance do Brasil que o Leitor Brasileiro Desconhece”**. Nele, realiza uma discussão interessante sobre o romance “do Brasil” que permaneceu inédito no Brasil e na Alemanha até 1967, quando o manuscrito original foi encontrado por Erwin Theodor na Biblioteca da Baviera. Como afirma, o romance é inclinado ao Romantismo alemão, sobretudo, na sua vertente de Iena, cuja ideia era ir de encontro com o outro romantismo, pois o romance propõe não uma nacionalização, mas uma desnacionalização. Para a autora, Frey Apollonio, um romance do Brasil diz respeito às Letras nacionais por ser um romance que aborda o Brasil e tenta explorar o país, embora pelo olhar estrangeiro.

Outro estudo importante é **“Leitura de Lindanor Celina: Caminhos para a Compreensão do Texto Literário”**, de Abílio Cavalcante Dantas Neto (UFPA), o qual desenvolve a investigação sobre as possibilidades de leitura da obra de Lindanor Celina. Para tal, parte da abordagem do conceito de mundo de relevância do estudioso Karlheinz Stierle e as reflexões sobre a existência do campo da Literatura da Amazônia trabalhadas pela pesquisadora Camila do Valle.

“O Nome das Personagens em Cinzas do Norte: Uma Questão Poética”, é o artigo de Lucília Lúbia de Sousa Pinheiro (Ufpa). O artigo apresenta a forma poética, de acordo com Meschonnic (2002), do nome das personagens em Cinzas do Norte (2005), partindo da intenção do autor abstrato em intensificar o nome da personagem principal Mundo, pois ao ser chamado constantemente de Mundo, a personagem transmite a experiência que ele vai ter para além de Manaus e do Norte. Para a autora, as experiências que Mundo terá a partir dessas

viagens e do próprio contexto na obra o colocam como personagem de um romance de formação.

Na revista, a *Seção Livre* dedica-se a mesma discussão sobre a poética do narrar, dessa vez para além da Amazônia brasileira, além de artigos de diferentes temáticas. O primeiro dessa seção é de autoria de Carlos Eduardo R. Andrade (UFPA), José Guilherme Fernandes (UFPA) e Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA). Intitulado **Aonde a Vista Alcança: Conhecimento Tradicional e Geolocalização como Complemento na Navegação em Regiões Pouco Cartografadas**, desenvolve uma discussão sobre as peculiaridades típicas da pesca na região do salgado no nordeste do estado do Pará. Assim, os autores apresentam os métodos tradicionais de pesca utilizados com características próprias de uma região e como esses saberes contribuem para o conhecimento teórico. Como forma de reflexão, utilizam os estudos de Fernandes e Fernandes (2015) para compreender o saber e o conhecimento dos povos tradicionais, bem como Carvalho (2007) para discutir tópicos relacionados a cultura.

Rosanne Castelo Branco (UFSC) é autora do artigo **“A Tradução no Ninar de uma Cantiga: Entre o Ritmo, o Sentido e a Alteridade”**. Nele, discute abordagens entre a narrativa oral, ritmo e tradução no contexto do gênero da cantiga de ninar infantil francesa “Frère Jacques”. A investigação visa analisar, mais particularmente, como se dá o fenômeno da tradução na inter-relação da poética com as instâncias oriundas de tradução, considerando suas vozes, ritmo, humor e performances, buscando apontar as estratégias utilizadas pela tradução, de forma a manter a musicalidade e manutenção da obra na sua completude poética. Para fundamentar e dar sustentabilidade a essa investigação, no âmbito da Poética, da Oralidade e da Tradução considera os pensamentos de teóricos como Paul Zumthor (1993), Henri Meschonnic (2010), Antoine Berman (2013), Georges Mounin (1963) e Octavio Paz (1991), pelos quais chega a conclusão de que na oralidade da cantiga de ninar, assegurar a musicalidade fonética e o ritmo têm mais relevância do que o caráter lexical e semântico.

Gunter Karl Pressler (UFPA), em **“Da Análise Estrutural da Narrativa (1966) à Narratologia, de Wolf Schmid (2014). Um Breve Histórico (também da terra brasilis)”**, como o título infere, desenha e narra o desenvolvimento histórico e o aprofundamento teórico sobre o discurso narrativo, o modo de narrar e as narrativas. Dos Estruturalistas Franceses (R.Barthes, J.Lacan, G.Genette, J.- P.Vernant, L.Goldmann, T.Todorov, N.Ruwet e J.Derrida) aos estudos de Roland Barthes, Todorov (“As Categorias da Narrativa Literária”) e o de Genette (“Fronteiras da Narrativa”); ainda, a partir do termo apresentado por Todorov (1982 [1969]: 10) por meio do qual surgiu “a narratologia, a ciência da narrativa”, discute sobre a primeira vertente da teoria literária que entrou no campo da reflexão da História, das Ciências

Sociais e Políticas, da Comunicação, entre outros, pelo termo storytelling (Ch.Salmon, 2007). Compreende que a fundamentação teórica da leitura é como “laboratório da escrita” (MESCHONNIC, 2010 [1999], 269) para atender “um interesse sistemático e criativo” (SCHMID, 2014) de estudo, em busca da compreensão daquilo que diferencia em língua, linguagem, escrita e discurso.

Thaís Fernandes Amorim (UFPA/UFRA) é autora do artigo “**Narratividade nas Malhas da História, Língua e Discurso**”. Nele, busca refletir a narratividade como ação humana, atrelada e intrinsecamente relacionada com o discurso ao longo do tempo, e, por conseguinte, ao longo da história e da literatura. A partir das contribuições de Wellek e Warren (19--), Pesavento (2003), Culler (1999), Vodička (1978) e Jauss (1994), dentre outros, a autora afirma que Literatura, história e história da literatura estão de tal forma entrelaçadas que podemos afirmar que historiadores não têm acesso aos eventos passados, mas às narrativas que chegaram até eles, atribuindo-lhes sentido. Como diz, o historiador da literatura é um narrador que, na composição de uma narrativa, incorpora outros contextos de outras instâncias.

Em “**Tipos de Narrador e Novas Discussões em Narratologia**”, a autora Flávia Roberta Menezes de Souza discute conceitos já estabelecidos no campo da narratologia, mais precisamente, os que se referem aos tipos de narrador. Para isso, relaciona as propostas de Genette e seus conceitos (como por exemplo, “os níveis narrativos”, as “metadiegeses” e as implicações percebidas pela presença ou ausência do narrador na história), bem como de Wolf Schmid (2010), que em um estudo mais recente, *Narratology: na introduction* (2010), revisou termos e conceitos desse campo de estudo, abrindo caminhos para novas propostas e identificando os grandes problemas em torno da nomenclatura que serve aos tipos de narrador, já discutidos antes por Genette.

Da teoria à prática da narratividade, a seção *Crônica Etnográfica* dedica-se a narrar, com todas as especificidades próprias ao gênero, o cotidiano e ou traços de uma dada cultura. A crônica, por sua capacidade de interpretar e narrar os costumes, aproxima, nesta seção da *Nova Revista Amazônica*, literatura e antropologia, compartilhando com o leitor os saberes, as práticas e as representações sociais da e na Amazônia interpretada. Maria do Socorro Braga Reis (UFPA), com a crônica intitulada “**Uma poesia, meu lugar**”, conta suas representações sobre sua terra/mar, pertencente ao município de Viseu-PA. Das águas ao vento nas palhas, sobre o brilho do sol ou a elegância da lua, tudo expressa a simplicidade e o caso de amor que a autora declara à praia de Apeú-Salvador.

Nesta edição (e nas demais), a seção dos *Ensaaios Etnofotográficos* realiza a divulgação das teorias que embasam seus conteúdos, além de provocar reflexões acerca do estatuto da imagem como linguagem, como via de acesso ao dialogismo entre sujeitos. Portanto, compreende-se os ensaios etnofotográficos como narrativas imagéticas, textos não-verbais que contam, com potencialidade, as culturas.

Deste modo, Jéssica Feiteiro Portugal (UFPA) e Daniel dos Santos Fernandes (UFPA) produziram o ensaio intitulado **“Argila, Rio, Pontes e Narrativas: Gestalt Social de um Recomeço”**. Nele, os autores narram sobre as áreas urbanas alagadiças de Altamira, município situado no sudoeste do Pará, localizadas às margens do principal componente hidrográfico da rodovia Transamazônica (BR-230), o Rio Xingu. A história que veremos neste ensaio registra as inundações periódicas decorrentes do regime hídrico do curso de água, as quais, durante as cheias do inverno, resultavam em inúmeros impactos socioambientais às populações que residiam nessas localidades.

No ensaio **“Encontro com uma Pajé: uma figura insular e do entremeio”**, Fernando Alves da Silva Júnior (UFPA) e Aline Costa da Silva (UFPA) narram o percurso para se chegar a Taperaçu-Campo, parte da região dos campos bragantinos, transpassando passagens para encontrar com Maria do Bairro, uma pajé, curandeira e benzedeira, ou como o título dá a entender, uma figura insular e do entremeio. Banho de ervas, defumações e orações compõem o ritual, o qual se encerra com receitas, retornos e a certeza de que há “realmente” muitos mistérios entre o céu e a terra.

“Grafismo Corporal e Saber Tradicional Tenetehar Tembé de Guamá” é o ensaio de José Agnaldo Pinheiro Pereira (UFPA) e José Guilherme dos Santos Fernandes (UFPA). Os autores consideram que as expressões culturais de diferentes etnias indígenas no estado do Pará, a exemplo do grafismo corporal, em geral pouco estudadas, configuram um conjunto interligado de conhecimentos. Compreendem que o grafismo corporal, enquanto traço manifesto da cultura material e imaterial desses povos, está relacionado à identidade étnica e que, como traço cultural da identidade de autoafirmação étnica deve ser avaliado também como uma estratégia política simbólica de diferenciação, pautada na ideia de ancestralidade que abrangeu diferentes contextos socioculturais dos Tembé de Guamá.

Na seção de *Vídeos Etnográficos*, segue-se a proposta dos ensaios, agora utilizando o vídeo como instrumento da narração, ou seja, lugar para que os sujeitos, autores das narrativas, realizem sua prática. Ainda, o vídeo configura-se como um registro, um caderno de campo no qual se inscreve a construção etnográfica da pesquisa.

Fernando Alves da Silva Júnior (UFPA) e Aline Costa da Silva (UFPA) apresentam **“As Poéticas Oraís de Maria nos Limiões de Taperaçú-Campo”**. Segundo os autores, Maria do Bairro é uma pajé. Figura limiar por excelência e por alguns motivos. Primeiro por não se enquadrar nos padrões heteronormativos, Segundo por ter escolhido um lugar que está no entremeio de duas comunidades, Acarpará e Tamatateua. Terceiro porque para a própria condição de pajé 1 estar no entremeio é uma prerrogativa para aquele que consegue ver o que os olhos comuns não enxergam. O que Maria vê compõe suas poéticas oraís e nelas as histórias da Matinta e do Lobisomem são narradas, dando-nos saber, com evento e performance, as vivências da encantada de Taperaçú-Campo e suas experiências limiões com a mitopoética amazônica.

“La Danza de los Pescadores: La Religiosidad y el Coletivo em Tlacotepec, Guerrero/ Mexico”, é uma produção de Francisca Galeana Salgado (UAEM-México). O vídeo mostra a expressão da religiosidade na comunidade de Tlacotepec, Guerrero, a qual expressa-se a través de danças que simbolizam a devoção dos coletivos ao Santo São Santiago Apostol. Como os sujeitos narram, sua preocupação gira em torno da vitalidade da dança, por o que incluem as novas gerações desde os 6 anos para que sejam partícipes desta expressão religiosa/cultural.

Finalmente, o vídeo **“Pioneirismo Na Amazônia: Uma Visita à Comunidade Pioneira”**, produzido por José Valtemir Ferreira da Silva (UFPA), apresenta uma visita da turma de mestrado flexibilizado em Altamira do PPLSA à comunidade Pioneira localizada no Km 28 Altamira-Brasil Novo/Pa. Em um dia do mês de agosto de 2017, o vídeo registra o momento em que a representante da comunidade narra o processo que culmina com a fundação da referida comunidade.

Esperamos que este número da *Nova Revista Amazônica* seja bem aproveitado por seus leitores e que cada um possa encontrar nos artigos, crônicas, ensaios e vídeos reflexões que lhes sejam significativas e proveitosas. Que as leituras possam potencializar suas pesquisas e que estas colaborem para com o entendimento de que a narrativa somente se concretiza como ato de leitura, “laboratório da escrita”, de maneira apreciadora e poética.

Prof. Dr. Gunter Karl Pressler